A PELO Y PLUMA:
EPISÓDIOS DE *CAZA MENOR* NA PROVÍNCIA DE SEVILHA, ANDALUZIA, ESPANHA

Caetano **Sordi**[1]

Este ensaio fotográfico é fruto de algumas incursões etnográficas que realizei em agosto de 2013 e dezembro de 2015 junto a um grupo de *caza menor* da província de Sevilha, região autonômica da Andaluzia, Espanha. Na tradição venatória ibérica, a *caza menor* diferencia-se da grande caça, ou *caza mayor*, devido ao porte das suas presas e a origem social dos seus praticantes. Enquanto a última se dedica ao apresamento de grandes animais como cervos e javalis, a primeira se dirige para animais de menor porte, como coelhos, lebres, perdizes, pombos e tórtolas. Da mesma maneira, enquanto a *caza mayor* é cultivada em ambientes aristocráticos, a *caza menor* aparece como a pequena caça ou a caça do homem comum, o que não raro se articula com o resgate de longínquas raízes camponesas e motivações mais lúdicas e alimentares do que propriamente honoríficas.

Prática predominantemente masculina, a *caza menor* possui seu próprio código de conduta. No dizer dos seus praticantes, é a obediência aos ditames desta ética o que faz do *caçador* algo mais que um mero *atirador*; ou, como bem expresso na clássica formulação de Ortega y Gasset ([1943] 2007), *não se caça para matar, mas se mata por haver caçado*. Neste tipo de aventura cinegética, o *processo* sobrepõe-se ao *projeto* (Marvin, 2000, 2007, 2010), de modo que o *como* se caça é tão ou mais importante que o *por que* se caça.

Com efeito, ao acompanhar os caçadores no campo, torna-se claro que seu objetivo principal não é a coleção do maior número de peças (embora isto seja implicitamente desejado), mas a fruição de uma experiência de imersão atentiva no ambiente em que o corpo e a mente do caçador se transmutam numa máquina de percepções e ações voltada inteiramente para a detecção e captura da presa. Neste processo, o ambiente passa a ser interpretado desde as *affordances* - ou possibilidades de ação (Gibson, 1979; Reed, 1980) - que seus elementos oferecem ao caçador, numa

[1] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

espécie de "harmonização rítmica da atenção mútua" (Ingold, 2000: 199) entre o humano e o animal, o caçador e a presa.

Em termos êmicos, busca-se aproveitar o "lance", evento que ocorre quando o animal entra, subitamente, no campo perceptual do caçador. Se, depois de três disparos, o animal consegue ainda assim escapar, diz-se que ele teve sua "chance", o que o indulta, por assim dizer, nos termos da ética venatória. Em outros termos, só pode ser reivindicada como legítima (cobrada) aquela presa que o caçador conseguiu abater em movimento, ato este que materializa suas virtudes cinegéticas. Fustigar animais parados e debilitados não goza do mesmo prestígio que abatê-los em disparada, e pode ser motivo de reprimenda.

Em geral, os praticantes da *caza menor* se organizam em grupos denominados sociedades que todo ano se cotizam para explorar, mediante aluguel ou acordo verbal, os recursos cinegéticos de uma propriedade (*coto*), que pode ser dedicar também a outros fins, como a criação animal e o plantio de oliveiras. Estas sociedades são lideradas por presidentes- normalmente, caçadores mais experientes e exemplares, que exercem funções administrativas e arbitram possíveis disputas entre sócios - e são acompanhadas permanentemente por guardas remunerados. A estes últimos, cabe a função de zelar pelo equilíbrio populacional das presas no *coto,* observar o cumprimento de boas práticas cinegéticas e evitar a ação de *furtivos*, isto é, praticantes que caçam sem autorização do dono da propriedade e fazem uso de métodos ilegais, como a *huronería*[2].

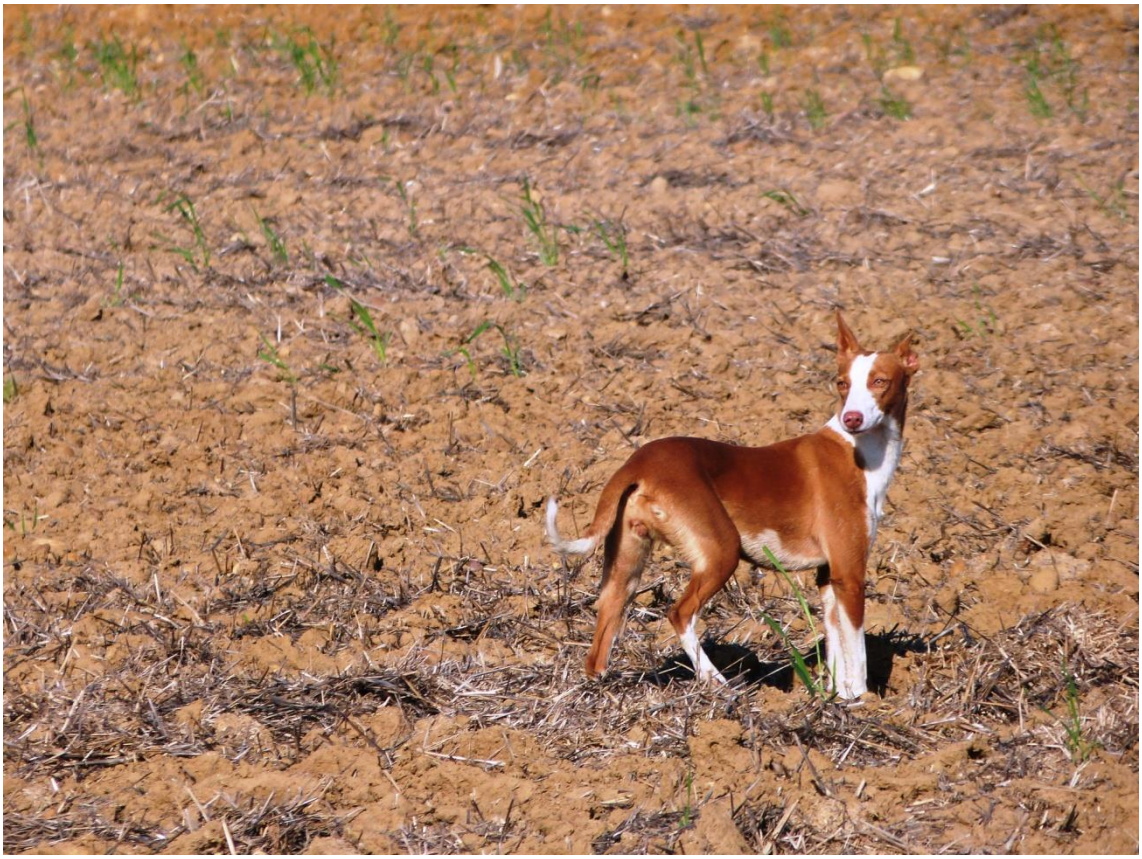
A faina começa logo cedo, com os homens se reunindo na sede da propriedade para tomar conhecimento do trajeto determinado pelo presidente e entabular conversas sobre suas expectativas para o dia. Quando o foco da caçada são coelhos e lebres (*a pelo*), a função dos cães (dá-se preferência às fêmeas) é a de detectar olfativamente a presença das peças e assinalá-la com latidos para os caçadores. A esta ação canina, dá-se o nome de tirar a presa. Já quando o foco da caçada são aves (*a pluma*), se os emprega para identificar e buscar alvos aéreos abatidos a grande distância. Ao final de cada turno (manhã e tarde), os homens retornam à sede para comer e beber, partilhando jocosa e animadamente suas experiências. A reputação de cada um é construída a partir da observância das normas de lealdade (ao grupo, ao presidente, aos animais) que regem a ética da *caza menor* e da auferição testemunhal de sua destreza técnica. Da mesma

[2] Prática que consiste no uso de furões que invadem as tocas dos coelhos, forçando-os a sair. Do lado de fora, o caçador emprega uma rede para aprisionar dezenas de indivíduos de uma só vez.

forma, o desequilíbrio no número de peças cobradas por cada caçador é compensado a partir de uma distribuição mais ou menos equitativa dos animais, o que compensa as contingências impostas pela sorte. A evisceração e limpeza da carcaça das presas ocorre nesta mesma oportunidade, para alegria dos cães, cujo trabalho é recompensado com os miúdos.

Nas conversas ao final da tarde, regadas a cerveja, aguardente de anis e farta comida, nota-se a vigência de uma narrativa algo nostálgica sobre a abundância venatória dos *cotos* explorados no passado, e um tanto resignada frente ao crescente desinteresse dos mais jovens pela faina cinegética. As imagens a seguir oferecem um pequeno retrato desta prática, bem como dos engajamentos com o ambiente e a alteridade animal ofertados pela experiência de sair *a pelo y pluma*.

ARIUS



Referências

GIBSON, James J. *The ecological approach to visual perception.* Boston: Houghton Mifflin, 1979.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: essays in livelihood, dwelling and skill.* London: Routledge, 2000.

MARVIN, Garry. "The problem of foxes: legitimate and illegitimate killing in the English countryside" In: KNIGHT, John. *Natural enemies: people-wildlife conflicts in anthropological perspective*. London: Routledge: 2000, pp. 189-212.

_____. "English foxhunting: a prohibited practice". In: *International Journal of Cultural Property*, n. 14, 2007, pp. 339-360.

___. "Challenging animals: project and process in hunting". In: PILGRIM, Sarah. PRETTY, Jules (orgs.) *Nature and Culture.* London: Earthscan, 2010.

ORTEGA Y GASSET, José. "Sobre la caza – prologo a 'Veinte años de caza mayor', del Conde de Yebes [1943]. In: _____. *Sobre la caza, los toros y el toreo.* Madrid: Alianza Editorial, 2007. pp. 13-105.

REED, Edward S. "The affordances of the animate environment: social science from the ecological point of view". In: Tim Ingold (ed.). *What is an animal?* London: Routledge, 1988. pp. 110-126.

Recebido em: 20/04/2016.
Aprovado em: 06/12/2016.